

ARQUITETOS URBANOS: ÍTALO CALVINO, MARCO POLO E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES MARAVILHOSAS

Gleiton FARIA (Bolsista Probiic/Unifal-MG)¹
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aparecida Maria Nunes.(Unifal-MG)

RESUMO: Ítalo Calvino, escritor italiano, é autor de obras que mesclam realidade e ficção cuja composição, muitas vezes, tende para uma literatura pós-moderna. Exemplo dessa tendência é o romance *As cidades Invisíveis*. Além da tessitura de uma geografia simbólica, cujo centro é o complexo urbano, Calvino, apoiado nos ideais de clássico, recorre ao berço de sua literatura nacional subjugando tempo, espaço, personagens e narradores de *O Livro das Maravilhas* de Marco Polo. Essa atitude mostra paralelismos e perpendicularismos que convergem para a questão do narrador. Pretende-se analisar as obras observando a problemática do narrador e contrastando as circunstâncias de criação de ambas.

Palavras-chave: As Cidades Invisíveis, O Livro das Maravilhas, Estudo Comparado

ABSTRACT Ítalo Calvino, italian writer, is author of works that mix reality and fiction whose composition, often, tends to a literature postmodern. example of this trend is the novel *As Cidades Invisíveis*. In addition to the fabric of a symbolic geography, whose center is the urban complex, Calvino, supported the ideals of classical, refers to the cradle of their national literature, overwhelming time, space, characters and narrators of *O Livro das Maravilhas* of Marco Polo. This attitude shows that converge parallel and perpendicular to the question of the narrator. It is intended to analyze the works by observing the problem of the narrator and contrasting the circumstances of creation of both.

Keywords: As Cidades Invisíveis, O Livro das Maravilhas, comparative study

“Eu contei apenas metade do que vi”
Marco Polo

1. Introdução

Os contadores de história sempre tiveram lugar de destaque nas rodas de amigos e familiares. Sempre são ouvidos com atenção e seus casos fazem com que a imaginação construa imagens deliciosamente fantasiosas. Essa prática remonta a um tempo muito distante, quando ainda na beira da fogueira os mais velhos, detentores de uma sabedoria inigualável, desvendavam o mundo para os mais novos com a autoridade de quem viveu. E a vida é um eterno acumular de experiências. Seja na descoberta de novas fronteiras, no ir além dos limites do seu próprio mundo, seja na observação atenta e minuciosa de seu próprio espaço vamos nos construindo e construindo o nosso universo. É a partir dessa vivência que a autenticidade é conseguida e nossas histórias são ouvidas com mais atenção e curiosidade.

¹ Email: gleiton_faria@yahoo.com.br

A modernidade tornou mais rara a troca pessoal de experiências. Fez, sob o rótulo da praticidade, com que nossas relações se alargassem e víssemos na facilidade de acesso ao conhecimento a prepotência da autonomia. E quem diria que o maquinismo de Gutenberg iria se tornar o pivô do individualismo moderno. Ao mesmo tempo em que as páginas eram alimento da construção intelectual e cerne da acumulação de conhecimento, acabavam por solapar grande parte das relações humanas.

Agora, o narrador primitivo, que percebia o movimento cíclico da natureza e legitimava sua narração pela vivência, ganha o livro. A partir daí o significado de suas palavras perdem a expressão corporal, a entonação, o gesticular do contador. As trocas de experiência em grupo vão falecendo. O leitor se torna construtor de um mundo alheio a ele. É sozinho, solitário e a única voz que lhe resta é a do narrador textual.

É a mesma modernidade que atesta a palavra de ordem, a mais vigente e a que a todo custo é perseguida: Evolução. O ritmo do mundo mudou. A busca por encontrar na inovação algo que contribua para a inércia humana é a maior bandeira do homem racional e dono de si. Construía-se em meio a revolução do mundo a figura do autor, ele não mais simplesmente decodificava a natureza por sua voz, ele criava um novo Universo. Sentia-se autorizado à criação de cosmos dentro de outros cosmos, como as camadas de uma cebola. O autor cria então o narrador. Não é mais o humano quem narra, mas um ser que habita um mundo de relações indefinidas com o mundo real.

O advento da escrita e o transplantar do narrador para o papel fez com que ele fosse submetido a toda sorte de acasos. Foi levado para o subconsciente das personagens em Woolf e Proust e até mesmo colocado de lado por Kafka em virtude do detalhamento das cenas. Assim como a personagem e a narrativa, seguiu tendências de escolas literárias e movimentos sociais, foi assassinado e ressuscitado pela crítica, permeou o Hades e o Olimpo. Encontrou em Marco Polo a figura que instigaria suas possibilidades e em Ítalo Calvino àquele que o levou as últimas conseqüências literárias.

Essa figura que se mantém por tanto tempo ao nosso lado, é essencial na descoberta do mundo e auxilia na construção imaginária e fantasiosa. É merecedor de um olhar atento que vise ressaltar mais que seu histórico, suas possibilidades.

É com a intenção de resgatar o narrador, entendendo-o como elemento essencial em literatura, que nos aproximamos de Marco Polo e Ítalo Calvino. Neles as relações entre autoria e narração, circunstância de criação literária, e retomada do real na ficção podem

contribuir para melhor entender as relações de uma literatura que evolui literariamente no aspecto narrativo.

Colocar frete a frente o *Livro das Maravilhas* e *As Cidades Invisíveis* – respectivamente de Marco Polo e Ítalo Calvino – é uma atitude que visa confrontar momentos literários distintos nos quais o narrador também se apresenta de maneira diversa. Para tanto a utilização dos estudos de Walter Benjamin e Silviano Santiago são de extrema importância para o estabelecimento de paralelismos entre teoria e prática.

Com isso objetiva-se, apoiados em *Porque Ler os Clássicos* entender a importância literária das obras analisadas e o porquê de características tão afins entre elas. Além disso, é de importância última focar o narrador de *As Cidades Invisíveis* e de *O Livro das Maravilhas*, já que, sem ele, a construção da atmosfera rica em significações atingida pelo confronto das obras, não seria possível.

2. Marco Polo, O Marinheiro Comerciante

Final do século XII, a Europa se desenvolvia em ritmo acelerado. De maneira bem particular, via-se Veneza na linha de frente da corrida mercantil marítima. Beneficiada pelas riquezas provindas da quarta cruzada que fomentaria o cenário econômico para o Renascimento, essa potência do Império Romano seria a casa, ou melhor, o ponto de partida das relações do mundo europeu com o oriente.

É desse cenário que emerge a figura de Marco Polo, por muito tempo os olhos dos europeus sobre o longínquo Império Mongol. O menino que com dezessete anos de idade acompanhou o pai e tio numa expedição épica ao oriente ficaria reconhecido por sua visão atenta e minuciosa do mundo.

Criado pela tia desde a morte da mãe, o menino espera a volta de seu pai Nicola Polo e seu tio Mateu Polo para uma nova incursão nos domínios orientais. Uns dos desbravadores da Rota da Seda, os Polo foram além de visitantes e comerciantes, foram verdadeiros embaixadores do grande imperador dos tártaros Kublai Khan. O poderoso rei, senhor do vastíssimo império mongol, cujos domínios era incapaz de conhecer, adorava ouvir as descrições de seu povo por seus emissários. Marco Polo com sua perspicácia e agudeza nos relatos logo ganhou a estima do grande Khan.

Em suas viagens os Polo, bons comerciantes que eram, conseguiram acumular grandes

riquezas e ostentar para a sociedade todo o luxo advindos do contato com a China. Não tardou para que se envolvessem com questões político-militares. Marco Polo financia então uma galera de combate que seria vencida na guerra contra os genoveses. O comandante Marco Polo é então preso.

É no cativo que o ilustre conhecedor do mundo narra suas andanças ao companheiro de cela Rusticiano. Conhecedor das Letras, Rusticiano, autor de outros romances, escreve em francês provençal as histórias contadas por Polo. “E foi ele quem quis expor todas estas coisas a Misser Rusticiano, cidadão de Pisa, que se encontrava na mesma prisão, no ano de 1298 do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo” (POLO, 1999) que se tornaria *O Livro das Maravilhas*.

Marco Polo narra toda sua viagem, composta em duas expedições. Conta desde sua partida dos portos da Armênia até a capital da China. Tudo isso regado com longas doses de descrições dos povos, seu passado, cultura, peculiaridade, da geografia, da organização político-administrativa, da arquitetura, culinária, comércio e também de fatos contemporâneos a ele como a tentativa do domínio mongol no Japão.

Pra sociedade da época, limitada espacialmente, haja vista a dificuldade nos transportes, o livro foi recebido com entusiasmo e por muito tempo foi a única fonte de conhecimento sobre o mundo asiático. Sabe-se que foi livro de cabeceira de Cristovam Colombo e, segundo Jacques Brosse, esse teria partido de Palos para atingir via oeste Catai, converter o Gran Khan e convencê-lo a lutar contra os turcos.

Mas, não só com bons olhos foi visto o livro de Marco Polo. Seja pelas descrições exageradas ou o não reconhecimento das muralhas da china, por muitas vezes questionou-se até mesmo a viagem do autor, narrador e personagem de *A descrição do mundo* – como também ficou conhecida sua obra. Questão esclarecida quando Paul Pelliot, entre 1906 e 1908, percorreu o caminho dos Polo e elevou Marco Polo à categoria de pesquisador.

A história de Marco Polo coloca de forma involuntária a problemática do narrador. Se em Benjamin podemos identificar Marco Polo como o verdadeiro narrador, aquele primitivo que resguardaria a autenticidade corrompida pela modernidade, em Silviano Santiago a relação Marco Polo/Rusticiano poderia bem caracterizar uma narração pós-moderna.

Walter Benjamin, sob os efeitos do pós-guerra que o conduziria ao saudosismo pela ordem política antiga, escreve em 1936 *O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Para Felipe Grüne Ewald:

A datação deste contexto parece importante para compreender o tom que marca o citado ensaio, assim como sua obra em geral. Ele vive um tempo de devastação e desesperança, direcionando seu olhar e suas esperanças para o passado e incorrendo no risco de idealizá-lo. (2008, p.1)

A idealização citada por Ewald pode ser aplicada a tentativa de resgate dos “representantes arcaicos do reino narrativo” por Benjamin. Para o frankfurtiano “a arte de narrar esta em vias de extinção” graças a modernidade que implica o individualismo e impede a troca de conhecimento entre narrador e ouvinte. Visando então a essência da narração busca o camponês sedentário e o marinheiro comerciante.

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. (BENJAMIN, 1936, p.198)

E nesse sentido o venesiano Marco Polo seria o mais alto exemplo de narrador clássico. Talvez fosse um dos primeiros na hierarquia dos marinheiros comerciantes. Ele seria o detentor da sabedoria exigida por Benjamin: “o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos [...], pois pode recorrer a um acervo de toda uma vida” (1936, p.221). E quem melhor que Marco Polo pode aconselhar.

E todos que o lerem e entenderem devem crer nele, pois as coisas que conta correspondem à verdade; e eu vos certifico de que, desde que Deus Nosso Senhor modelou Adão e Eva com suas mãos até hoje em dia, não houve cristão nem sarraceno, nem pagão nem tártaro, nem índio, nem homem algum de geração alguma, que tanto tivesse visto, investigado e sabido das maravilhas e diversidades do mundo como o mencionado Marco Polo viu, investigou e soube. (POLO, 1999, p. 35)

Além de muito ter viajado, vivido e ouvido, Polo praticamente se criou em outras terras, foi quase ao mesmo tempo venesiano e tártaro, conhecia várias línguas orientais e era estimado na corte de Kublai como um verdadeiro conterrâneo. Nesse aspecto intercambia nas duas modalidades narrativas, foi viajante e também sedentário. Disso o mais importante é a autoridade da narração, a autenticidade conseguida pela vivência, a legitimidade de sua fala que depois de toda uma vida é prestigiada com atenção por seus ouvintes.

Apesar das circunstâncias de criação de *O Livro das Maravilhas* trazer nosso

marinheiro comerciante como aquele que dita suas experiências para o companheiro de cela, não podemos deixar de perceber a presença de Rusticiano no livro. Dizer que a escolha lexical, a ordem e a sintaxe sofrem alteração conforme o autor é problema ímpar quando esse se submete a relatar o que é contado pelo outro.

É importante ressaltar a figura de Rusticiano, principalmente por ter sido ele homem das letras e, quiçá, o autor da elemento ficcional da obra. É certo que, como coloca Bakhtin o autor do plano textual tem vida distinta do narrador real. Ao se transplantar para o livro Marco Polo é apenas uma personagem passível a toda sorte de peripécias de seu criador. Mesmo tendo, historicamente, Marco Polo revisado os escritos de Rusticiano essa autoria/narração dupla (distinta) ou conjunta envereda-se para o que Silviano Santiago chamou de narrativa pós-moderna.

Estabelecendo um paralelo com o texto benjaminiano, Santiago, em *O Narrador Pós-Moderno*, começa por questionar “Quem narra uma história é quem a experimenta ou quem a vê? Ou seja: é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por tê-las observado em outro” (1989, p. 38). O brasileiro coloca com isso a questão de uma narrativa de segunda vista.

De acordo com Santiago “o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada” (1989, p.39). E Rusticiano seria assim. Extrai a si de seu narrado para contar o que viveu e experienciou Marco Polo. Rusticiano talvez fosse o primeiro narrador pós-moderno ainda no final da Idade Média.

O Livro das Maravilhas pode ter ganhado o mundo e causado admiração tanto nos leitores de sua época quanto nos atuais pela maneira especial do narrar. O entrecruzamento de narradores e a instância mais íntima da realidade com o ideário do livro é, sem dúvidas, motivo que o mantém vivo ainda hoje.

3. Ítalo Calvino, O Arquiteto do clássico

Ítalo Calvino, romancista e contista do modernismo italiano, formado em letras – onde certamente teve contato com a Teoria Literária – é autor conhecido por livros que pendem para o fantástico e o surreal. Tece sua narrativa privilegiando a combinatória, a ordem, as simetrias, sem se preocupar em definir o que escreve. Observa-se uma mistura entre o real e o ficcional que atribui a sua literatura caráter verossímil, mas fantasioso. Pode ser considerado

pós-moderno à medida que seu texto entra em dissonância com a incomunicabilidade empreendida pelos pós renascentistas e se estreita com a metaficção historiográfica, que definida por Linda Hutcheon, refere-se a reflexão consciente sobre a condição de ficção do texto ficcional.

Calvino é mestre em usar o real, o fato, os eventos históricos e submetê-los a distorções, à falsificação. Usa de fatos reais para criar a ficção. Além disso, joga com os narradores e personagens podendo perceber uma contestação das definições que cercam esses elementos. O exemplo máximo dessa fabulosa e criativa mescla real/imaginário, talvez seja *As Cidades Invisíveis*.

Nesse romance, publicado em 1972, Calvino não descreve uma rota de viagem precisa, as orientações mais servem para distanciar as cidades do que para situá-las no espaço. As cidades de Calvino são autônomas e reunidas em nove blocos com cinco cidades cada, excetuando o primeiro e o último com dez descrições cada. Chama a atenção o fato de todas terem nomes femininos tais como Aglaura, Fedora, Maurília, Isaura, Anastácia entre outros. É esta aparente autonomia que abre margem para o questionamento quanto à categoria em que se enquadra a obra calviniana. As descrições curtas de cada cidade – no máximo estendidas por duas páginas – podem remeter a uma simples coletânea de descrições ou a um romance onde cada cidade seria uma personagem.

O que aproxima a obra dos dois autores italianos é o narrador. Calvino imagina um diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan e a partir daí dá vazão ao imaginário e descreve as cidades de maneira bastante particular. Nas descrições percebe-se o tom onírico, imaginário, fantasioso que conduz toda a obra. É impossível encontrar melhor lócus para expressão dessas características senão o símbolo urbano, que lhe garantiria, como aponta em *Seis propostas para o próximo milênio*, “Maiores possibilidades de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas”.

As cidades de Ítalo Calvino, sem dúvida são bem mais desenvolvidas literariamente que as descrições simples de Marco Polo. Não se pode negar, entretanto, que *O Livro das Maravilhas* é um clássico da literatura universal.

Em *Porque ler os clássicos*, artigo publicado por Calvino, as definições dadas pelo autor entram muito em consonância com a obra de Marco Polo. Quando diz que “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: "Estou relendo..." e nunca "Estou lendo..."”, lembramos da importância de *O Livro das Maravilhas* até pouco tempo atrás,

sendo sucesso de tiragem em uma época em que as edições eram demasiadamente custosas e, mesmo assim, ainda hoje se encontram mais de 80 cópias manuscritas do século XIV.

Para Calvino um clássico é uma leitura de descoberta, é aquele que nunca terminou de dizer o que tinha pra ser dito, que exerce “influência particular quando se impõem como inesquecíveis”. Diz ainda: “o “seu” clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvés em contraste com ele”. Em suma, para Calvino “ler os clássicos é melhor que não ler os clássicos” e para nós ler *As Cidades Invisíveis* e *O Livro das Maravilhas* é melhor que não lê-los.

4. Considerações Finais

As considerações sobre as obras analisadas podem indicar um novo sentido de criação narrativa dentro da modernidade. Na mescla entre real e ficcional pode residir o grande foco de encantamento pela literatura e onde se constrói a aparência de uma autenticidade. Contestar além dos elementos da ficção, mas, sobretudo a visão clássica do fazer literário parece ser questão emergente na literatura pós-moderna.

Desvendar as peculiaridades desse novo narrador pode ser tarefa de extrema importância para que se desvele o novo gosto pela literatura de uma geração enfadada pela exaustão dos modelos clássicos. Nesse sentido o narrador que, apesar de se manter na mesma função, se reconfigura pela maneira com que atinge a autenticidade, pode melhor se relacionar com as gerações vindouras e continuar fascinando por meio de suas palavras.

Referências

- CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras. Tradução Diogo Mainardi. 1990. 152p.
- BENJAMIN, W. O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense:1994, pp. 197-221.
- SANTIAGO, S. O Narrador Pós-Moderno. In: *Nas Malhas da Letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 38-52.
- FERNANDES, N.A.M. *O Conceito de Resistência em Benjamin e Adorno*. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos_pdf_res/10/09-fernandes.pdf> Acesso em 28 jun 2010.
- CANTIA, A; FILHO, O.R. *Contadores de Histórias: um diálogo entre Benjamin e Zumthor*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1450-4.pdf>>. Acesso em 28 jun 2010.
- EWALD, F.G. *Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência*. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/5994>>. Acesso em: 28 jun 2010